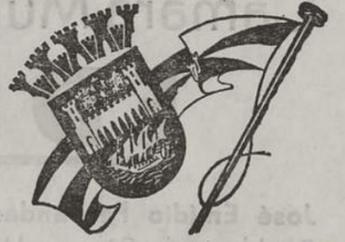




POVO ALGARVIO

AVENÇA PREÇO AVULSO 3\$00



SEMÁNARIO REGIONALISTA — DIRECTOR E PROPRIETÁRIO: MANUEL VIRGÍNIO PIRES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO ≡ RUA DR. PARREIRA, 13 ≡ TELEFONE 22503 ≡ TAVIRA ≡ COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO ≡ TIPOGRAFIA «POVO ALGARVIO» ≡ TELEFONE 22622 ≡ TAVIRA

O VELHO SERMÃO

HAVIA velhas selectas escolares, centenas de trechos eruditos para delícia dos compiladores e professores e tormento das crianças a quem se destinavam. Havia e continua a haver porque o inocente menino da escola é pau para toda a obra. Com o lacinho encarnado e verde ao peito, aguentou as paradas políticas da primeira república e deu vivas aos respectivos corifeus, na sua voz infantil mais própria para rir e chalar que para apoiar movimentos políticos que naturalmente não compreendia. O menino da escola devia ser contado entre os heróis e mártires das consequências da Rotunda. Pôs a bata branca da inocência nos cortejos floridos da segunda república que lhe deu (deu, é como quem diz...) uma farda de papel à espera de que nela escrevassem aquilo que quisessem.

E, como folha de papel branquinho, continua à mercê do que, pais, mestres, ambiente, política, nele quiserem inscrever, sem contarem que às vezes se levantam ventanias desmarcadas que levam pelos ares as folhinhas de papel e as deitam para longe umas das outras, a modo de não fazer sentido o discurso ou o desenho que levaram.

Recordo uma velha selecta com trechos dos sermões de Vieira. As lapidares sentenças do mestre pregador andavam na boca dos meninos que, se não podiam atingir o sentido moral nem a beleza formal dos trechos, os repetiam deliciados com a cadência estilística. Assim, qualquer brebigão de palmo e meio subia para cima do banco, á hora do recreio e, em voz pretensamente tornitroante, despejava sobre os quedos companheiros de brincadeiras os austeros acentos estilísticos do grande orador. Nenhum deles foi padre, nenhum deles foi filósofo, escritor ou diplomata. Todos eram papagaios improvisados, o que não quer dizer que não se afirmassem na vida muito acima do loquaz parlador das matas equatoriais. Havia o sermão do estatuário, do polvo e de muitos outros motivos literários, mas um deles, pelo estribilho repetido ao fim de cada parágrafo, estribilho sempre pronunciado em voz cava e sincopada, agradava à miudagem. — Busca o pão!

Apreciava o P.º António Vieira o esforço humano em referência às nossas necessidades, por ele concretizadas no pão para a boca.

Bem certo que, no seu tempo, as necessidades vitais eram em número muito mais restrito e o pão alimento mais estimado pelos povos que viviam, sobretudo, da lavoura.

Hoje, o pão é menos cuidado, mesmo substituído na moderna dietética, mas se Vieira voltasse, sempre seria bom perguntar-lhe, que busca o homem da época presente, quando se afadiga, esbofa, sua, despedaça na ansia de correr atrás de não sabe o quê e que lhe falta.

Numa pedra ali à embocadura da horta, um desenho a lápis carvão anuncia que a política alimenta. Há políticos que o confirmam: outros não; porque, onde o desporto é política, talvez a política consiga tornar-se desporto. Tal não vem para o caso. A verdade é que o homem já não corre pelo pão. Talvez corra pelo dinheiro, mas, honra lhe seja, o que ele quer não é bem o dinheiro. O dinheiro já ficou para trás. Nem o anseio da conquista o impele. Nem a posse do que é material. Tudo isso, embora ainda não se veja, foi há muito ultrapassado e apenas se conta como meio de atingir um alvo, não decerto inacessível, mas difícil.

Se Vieira voltasse teria de concordar que numa civilização decadente, o homem já não tem interesses nem ideais. Como a luz da candeia a extinguir-se eleva-se num lampejo mais alto e só procura brilhar.

Feira de S. Francisco

TEVE início ontem, prolongando-se até amanhã, dia 6, a anual Feira de S. Francisco, delírio da pequenada e divertimento da gente graúda.

Longe vai o tempo em que a gente campesina vestia o seu fato domingueiro e durante estes dias deambulava pela cidade, gastando o pecúlio amealhado para esse fim.

A transacção de gados era o que se pode dizer o maior negócio da Feira. O tempo tudo consome.

Hoje, só se houve o barulho infernal dos alti-falantes montados nos circos, aviões, carroceiros, pistas de automóveis, vendedores de fatos e mantas, etc.

Pequenos Apontamentos

♦ TURISMO

Agora que o Outono veio tingir de amarelo as folhas das árvores de que mais tarde as despeje; o frio enrigela e cresta a pele e o vento encrespa as águas do mar, pondo fim ao período de maior intensidade turística, bom seria que se vá pensando e tratando das bases de um turismo que, diremos, seja mais geral nos locais e mais popular na sua frequência.

O Algarve tem sido nos últimos anos a região do país onde o turismo mais tem prosperado. Não lhe faltam para isso qualidades reais com que a natureza lhe foi pródiga. Porém os homens desvirtuaram ou só quiseram aproveitar no sentido do grandioso essas qualidades. E mais ainda, para isso o dividiram em dois retalhos como já aqui temos acentuado. Também só se olhou e acudiu às regiões banhadas pelo mar e se engeitou as restantes, onde há também recantos

de muita beleza dignos de serem admirados.

Não serão de estranhar que hoje nos refiramos a Alcoutim, a nossa vila pequenina. Criou-se a lenda de que é feia, sem encantos, e, todavia, tem-nos de muito merecimento. Topográficamente a vila está bem lançada com arredores que têm formosura: A sua fundação é de contestável antiguidade e a ela se prendem acontecimentos de relevo histórico. Teve condado e a ela fez referência, Mestre Gil Vicente numa das páginas de um dos seus actos. A vila tem 5 igrejas contando com a do Espírito Santo no outro lado da ribeira e que um raio destruiu e a impiedade dos homens profanou. Tem Misericórdia das mais antigas do país e teve foral igual ao que foi atribuído à cidade de Évora. Só este facto nos diz o que foi a sua importância. E talvez por isso que a cidade-museu tem no umbral de uma das suas ruas o nome da sua irmã gêmea na aquisição do foral. E de realce a sua salubridade não tendo causado ali vítimas nem a trágica pneumónica nem outras epidemias mais antigas.

Mas é o Guadiana que amorosamente a banha, quem lhe empresta maior encanto. A curva onde ele separa as duas vilas fronteiriças é um lago de placidez e beleza que prende. Levámos muitas horas ensinados a contemplá-la. Nela se podiam realizar variados desportos náuticos. As suas margens são bordadas por miúdas árvores de fruto e no Inverno as amendoeiras floridas no pendor dos seus montes marginais fascinam.

Agora as suas águas, onde por causas várias, já não chegam a ser navegáveis.

(Continua na 4.ª página)



Inauguração da exposição de fotografias da autoria de 20 fotógrafos da Imprensa, versando o tema «Portugal Livre», no Palácio Foz.

TELESCÓPIO

por D. CARLOS

AINDA não está completo e, francamente, não sei quando serei capaz de o completar. Mas ei-lo, embora incompleto, na minha janela. Funcionando precária e esporadicamente, não chegando às vezes a atingir as distâncias que pretendo atingir. E nem sempre me é possível conseguir uma sincronização perfeita — entre o quadro electrónico e a focagem da imagem. Terrei de ser menos impaciente, lá diz o Ti'Zé, fugindo um pou-

co às palavras originais, mas não fugindo à verdade, «Roma e a Mafia... não se fizeram num dia!»

Terei de estudar melhor os planos do projecto, não tenha eu metido uma lente onde devia ter metido um parafuso! E, claro, há sempre complicações. Absolutamente imprevisíveis.

Por exemplo, há ainda quem pense que este telescópio não seja um telescópio! Pois ainda ontem me vieram dizer: «Mas que raio de arma é essa coisa que V. tem aí na sua varanda?!» Ainda por cima, veja o leitor os azares em que me meto sem querer, ainda por cima, tive aqui à minha porta, na 5.ª feira, dia 1 de Outubro, entre o meio-dia e as 15 horas, um carro funerário! Não era para mim (houve quem pensasse que fosse!). Era para o Sub-Delegado de Saúde. Quero dizer, também não era bem para ele! O nosso bom amigo Mr. Puga, estava a organizar um funeral, e precisava de uma assinatura, certamente na certidão de óbito, do médico que tem aqui por baixo da minha humilde residência o seu consultório (consultas, 18 00 — 20 00 horas). Pois o Mr. Puga, que vinha acompanhado de colaboradores e parentes do morto, veio a uma hora muito inconveniente. Bate-se à porta, toca-se a campainha, mas, claro, nem com um «Abre, Sésame!» Absolutamente lógico. O carro funerário ficou aqui à porta, os senhores foram ao «MIRA» almoçar.

Era gente a passar e a olhar para

MANUEL VIRGÍNIO PIRES

Encontra-se em Lisboa, onde foi consultar a medicina, o sr. Manuel Virgínio Pires, director do «Povo Algarvio».

O pessoal que neste jornal trabalha deseja ao seu director e amigo, um rápido restabelecimento.

COMO ELAS ACONTECEM!

— É PÁ, então como vai essa saúde?

— Pois, isto agora vai melhor, mas esteve mal!

— O quê, estiveste doente?

— Pois estive. Certa manhã ao levantar-me a mão direita não quis fazer a barba e a boca estava um pouco ao lado. Como eram cerca das sete da manhã, procurei um médico aqui ao pé da porta e ele viu-me e disse, que devia ser reumático. Levou-me cem paus, e receitou-me uns supositórios e uns comprimidos. E assim vim até aos Belos comprar o jornal e voltei para casa. Mas como a coisa não me cheirasse a reumático, quis consultar um outro médico que aqui mora perto da minha palhota, mas ele alegando muito serviço na Cai-

xa, não podia vir tão cedo. Como me lembrasse, que em virtude da minha profissão tinha direito a um médico, telefonou-se-lhe. Só poderia vir às 20 horas. Esperei e ele foi muito agradável, fez um ótimo exame, e medicou-me dizendo que deviam ser nervos. Mas como eu estava com 20, 21 de tensão, desejava que no dia seguinte lhe dissessem qual era o meu estado, pois desejava ver a minha tensão. No dia seguinte assim se fez, mas o senhor como tinha que fazer, e lhe dissessem pelo telefone que eu não estava melhor, respondeu, que me metessem num táxi e me levassem ao Hospital, dado que ele já havia receitado o que eu necessitava.

(Continua na 3.ª página)

SETEMBRO foi-se e com ele o magnífico títido das uvas. Quem, depois do modesto escritor de Vila de Frades se atreve a um descritivo do quadro maravilhoso que a faina dos lagares traz à vista?

CONVERSA DA SEMANA

“O País das Uvas”

E acode-nos à lembrança aquele título do singelo trabalhador da pena que se queixava de, com as suas mil e não sei quantas páginas de serviço não auferir maior salário que o dum desageitado carpinteiro da sua terra, ele, que trouxe à Língua Portuguesa tão novas, tão

Continua na 4.ª página

(Continua na 4.ª página)

Câmara Municipal de Tavira

EDITAL

José Emídio Fernandes Sotero, Vereador servindo de Presidente da Câmara Municipal do Concelho de TAVIRA:

TORNA PÚBLICO, que a eleição de três caçadores efectivos e um substituto, para constituírem a Comissão Venatória Concelhia de Tavira, para o exercício que terminará em Dezembro de 1976, realizar-se-á nos dias e locais a seguir indicados, pelas 18 horas no próximo mês de Outubro:

SANTA CATARINA — Dia 16 — Edifício da Casa do Povo
CACHOPO — Dia 18 — Edifício da Casa do Povo
CONCEIÇÃO, LUZ, SANTO ESTÊVÃO, SANTA MARIA
E SANTIAGO — Dia 19 — Edifício dos Paços do Concelho

São eleitores em cada uma das Assembleias de Voto, os caçadores residentes nas respectivas freguesias, titulares da licença de caça passada até à véspera do dia designado para a eleição, fazendo-se a identificação dos eleitores pela apresentação da respectiva carta de caçador.

Atendendo a que a Comissão Venatória só poderá ser constituída desde que seja votada pela maioria dos caçadores inscritos nos respectivos cadernos e desejando-se que essa Comissão tenha a maior representatividade, convi lam-se todos os caçadores a comparecerem ao acto eleitoral que se reveste do maior significado e interesse.

Para constar se publica o presente edital e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares públicos do costume.

Paços do Concelho de Tavira, aos 28 de Setembro de 1974

O Vereador servindo de Presidente da Câmara,
José Emídio Fernandes Sotero



Pela
Província

Monchique

Vida Paroquial — No próximo dia 6 de Outubro virá tomar posse das paróquias de Monchique e de Alferce o Rev. P.º Firmino Diniz Ferro. Este jovem sacerdote, apenas de 29 anos, estava presentemente em Párcoco de Ferragudo. Antes esteve em professor do Seminário de Faro e também Coadjuutor de Silves para onde fora assim que se ordenara. É filho da cidade de Tavira. Vem substituir o Rev. P.º José Jorge de Melo que esteve em Monchique como Coadjuutor e Prior durante 20 anos, tendo sido nomeado Pároco de São Sebastião de Lagos.

Para ambos desejamos as maiores bênçãos do Céu para o desempenho da sua nobre missão.

Custódio Agosto Cabrita

Propriedade

Vende-se, no sítio da Asseca, com amendoeiras, alfarrobeiras, oliveiras, figueiras e terra de semear.

Nesta Redacção se informa.

CASA

Mobilada, aluga-se para os últimos dias de Agosto, Setembro e Outubro, perto da praia. Nesta Redacção se informa.

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DE TAVIRA

Taxas de Conservação de Colectores

AVISO

Avisam-se por este meio todos os proprietários ou usufrutuários dos prédios ligados à rede geral de esgotos, que se encontra a pagamento a 2.ª prestação da taxa de conservação de colectores.

As guias respectivas devem ser solicitadas na Secretaria destes Serviços Municipalizados durante todo o mês de Outubro.

Depois desta data pode o pagamento ser efectuado durante mais quinze dias, findos os quais se procede ao relaxe.

Tavira, 30 de Setembro de 1974

O Presidente do Conselho de Administração,
José Emídio Fernandes Sotero

Galerias D'El-Rei

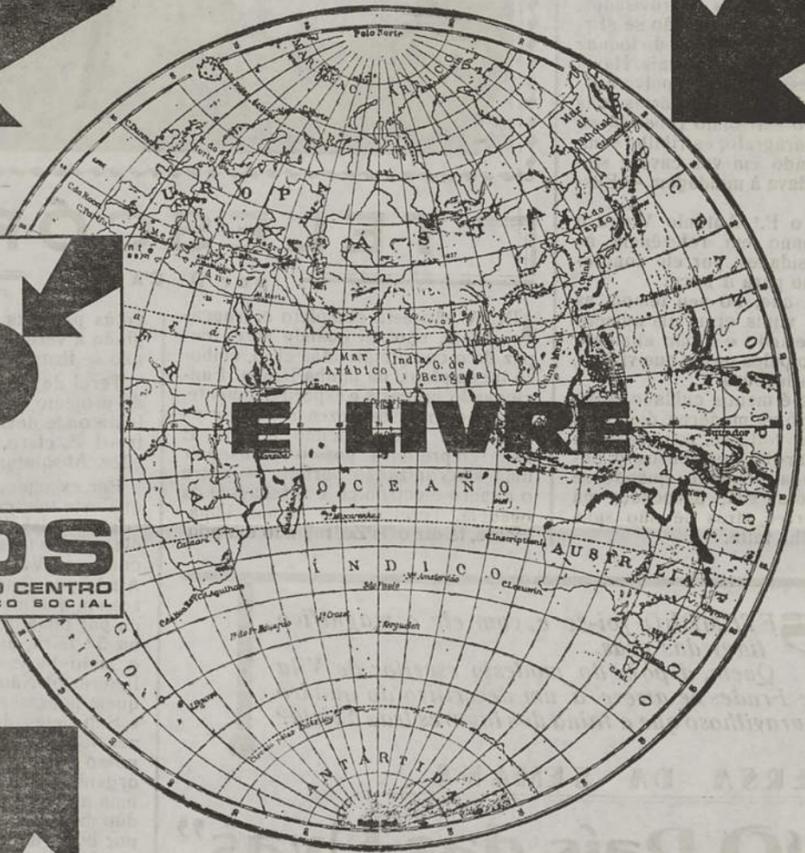
Móveis em todos os estilos ao dispôr do público

Permanente Exposição

Móveis e Decorações

Rua Prof. Dr. António Manuel Pinto Barbosa — Telef. 22098 — TAVIRA

AO EMIGRANTE TAMBÉM



QUEREMOS RESPONDER



Santo Estêvão

Rancho Folclórico — O famoso Rancho Folclórico da Casa do Povo de St.º Estêvão não abdicou ainda da sua longa e reconhecida capacidade folclórica.

Não obstante a substituição dos directores da Casa do Povo local, a nova direcção ainda com a indispensável colaboração do ensaiador do referido grupo sr. Ventura Fernandes Marques, tenciona manter o prestigioso agrupamento, enriquecendo assim não só o folclore algarvio como a própria freguesia e organismo onde o grupo está integrado.

Dois recentes actuações ao norte do país coroadas dum êxito retumbante são a melhor prova de que o Rancho de Sto. Estêvão permanece bem vivo e triunfante em qualquer parte onde o seu nome chegou e o seu valor é indiscutível na realidade. A vila de Cambra e a cidade de Viseu foram terras onde nos passados dias 8 e 22 do corrente, o referido Rancho Folclórico com outros agrupamentos congêneres foi entusiasticamente aplaudido em todos os números do seu vasto reportório. — C.

AGRADECIMENTO

Maria Amália dos Reis Mesias Maio Pontes Fernandes e José Joaquim Pontes Fernandes na impossibilidade de agradecerem pessoalmente a todas as pessoas da população de Tavira que na noite de 16 de Setembro se encontravam no Jardim e que colaboraram intensamente na procura do seu filho Pedro Miguel vêm por este meio manifestar o seu profundo reconhecimento o qual é extensivo à Corporação dos Bombeiros Voluntários de Tavira que, prontamente fez sair 2 ambulâncias a fim de colaborarem nas pesquisas.

TOTOBOLA

Concurso n.º 6 — 13/10/74

Nome: «Povo Algarvio»

Morada: TAVIRA

- 1 Espinho — Leixões . . . 1
- 2 CUF — Farense . . . 2
- 3 Oriental — U. Tomar . . . 2
- 4 Sporting — Atlético . . . 1
- 5 Belenenses — Setúbal . . . x
- 6 Olhanense — Guimarães . . . 2
- 7 Académico — Porto . . . 2
- 8 Ascoli — Torino . . . 2
- 9 Fiorentina — Bolonha . . . 1
- 10 Inter — Cagliari . . . 1
- 11 Juventus — Milan . . . 2
- 12 Lanerossi — Lázio . . . x
- 13 Roma — Nápoles . . . x

V. P.



Agradecimento

Maria das Dores

A família de Maria das Dores agradece reconhecidamente a todas as pessoas que se dignaram acompanhá-la à sua última morada e bem assim aquelas que directa ou indirectamente lhes manifestaram o seu pesar.

CAFÉ IMPERIAL

Trespassa-se o Café Imperial

Rua José Pires Padinha frente ao Jardim Público.
Tratar pelo Telef. 226 56 — TAVIRA.

a "miele"
é mais uma alemã
que gostou do algarve.
e ficou.



Miele®

A nova filial Miele está em Faro. Para proporcionar a todos os clientes do sul do país uma assistência rápida. Especifica. Eficiente. Os técnicos especializados da Miele estão no Algarve, à disposição de todos os possuidores das máquinas de lavar roupa, louça, material de lavandaria industrial e outros aparelhos Miele. E além das garantias de assistência, a nova filial apresenta uma exposição permanente de toda a gama Miele. Este é mais um serviço prestado pela marca de electrodomésticos mais avançada na sua técnica.

Miele

SEGURANÇA NA VENDA
SEGURANÇA NO PÓS-VENDA

MIELE PORTUGUESA, LDA. Filial em Faro: Rua Aboim Ascensão, 66 — Telef. 2 52 11

A Prevenção Rodoviária Portuguesa

lembra que...

... ao atravessar uma rua ou estrada em que existam passagens para peões, deve utilizá-las sempre.

O aparente incómodo de andar mais alguns metros, para delas se servir, é absolutamente compensado pela segurança que lhe traz.

Contribua, com o seu exemplo, para a educação e segurança de todos.

... ao atravessar uma rua ou estrada deve olhar para a esquerda, depois para a direita, novamente para a esquerda e se não se aproximar nenhum veículo, atravesse.

... se uma travagem brusca, em perfeitas condições de aderência, comporta riscos, com os pneus deficientes e o sistema de travagem em mau funcionamento assemelha-se a um suicídio. Vigie atentamente as condições de segurança do seu veículo e não confie.

... os instrumentos de sinalização do seu veículo são os órgãos de comunicação entre si e os que o acompanham na estrada.

Não pretenda que os outros adivinhem as suas intenções.

Dê-lhes conhecimento prévio e claro do que vai fazer com os sinais adequados.

Como Elas Acontecem!

(Continuação da 1.ª página)

Como quem sofre é que sente, como quem geme é que paga, foi chamado um outro médico que tem consultório na Praça do Bocage. Disse que viria logo que terminasse a consulta da manhã, mas que o doente se mantivesse na cama, e sossegadinho.

— Pois você deve ter tido uma ameaça de trombose. Vamos medicá-lo e não sai da cama durante vários dias.

Foi-se cumprindo as ordens do médico, e a coisa foi melhorando e no final duma semana, o médico disse-me que agora devia seguir para um massagista.

Assim fiz, e procurei um que tem um Centro de Recuperação para os lados da antiga Boa Morte, ou seja na Quinta Alves da Silva. Lá fui, encontrei, não o dono, mas o nosso amigo Alves Dias, que tendo tido em tempos atrás uma valente trombose, ali se curou e que emprega agora os seus conheci-

mentos naquele Centro.

Não calculas, como eu não calculava, como aquilo é digno de ser visto. Pois ali há aparelhos para tudo e até os célebres banhos saunes e escoceses e até lá tem uma bela piscina. Tive que apanhar lá grandes suadores ao meter o pé e a mão direita dentro de água a ferver. Fazer de Agostinho, pedalando numa bicicleta parada; aplicar o braço de molde a que ele fizesse forças; espaldar e por fim massagens eléctricas no braço, perna e dedos, que me faziam cortá-las. É claro que era preciso aguentar caixote, como é vulgar afirmar-se, e eu aguentei, e agora aqui vou indo como vês, e graças a Deus e aos Homens de boa vontade, neste caso os que desempenham bem a missão na vida que escolheram, estou quase recuperado.

Deu-se até um caso que me ia deixar bem aborrecido. Tinha-me pedido colaboração para o nosso jornal; era um

DESPERDÍCIOS DE ALGODÃO

— para limpeza de máquinas —

Gasa Chaves Gaminha

Avenida Rio de Janeiro, 19-B
LISBOA — Tel. 725165

número especial, dedicado às Festas da Vindima, que a Palmela trás imensos fosasteiros. Eu de cama, sem poder escrever, pois o braço não obedecia. Então ditei à minha mulher uns versos dedicados a Palmela, e ela lá se encarregou de telefonar e da Redacção fizeram o favor de os mandar buscar a minha casa, para que na altura própria eles pudessem vir a lume, como vieram.

— Pois desejo as tuas rápidas melhoras, e toma conta para que se não repita a cena. Olha que a terra daqui em diante, com a vinda do Inverno passa a estar fria, e aquilo quanto mais tarde melhor. E quanto aos médicos, tem paciência, olha que podia ter sido muito pior.

JOSÉ REBELO

CONVERSA DA SEMANA

«O País das Uvas»

Continuação da 1.ª página

fascinantes expressões de falar e escrever. Insatisfações estéticas e asares da vida fizeram-no escritor mordaz, homem sempre descontente, repontando com tudo e todos, talvez não por sua culpa, antes pela falta de justiça com que o prémio o mundo em que viveu. Era um talento de excepção enfiado no corpo feio e insignificante, pobre deserdado da fortuna. Os homens, sempre injustos, olharam à figura, ignoraram o talento...

Mas vamos às uvas, que o exórdio já vai cumprido e os pássaros podem comê-las. As uvas são lindas, saborosas e finas; especialmente as uvas de castas portuguesas que tanto vão rarcando. Aparecem à venda os cachos soberbos de bagos enormes e transparência de topázio. Apresentam-se neles uma bela casta de uvas de mesa mas de pele dura, rijas e menos saborosas; nas velhas castas portuguesas, concorre muito mais fino sabor, muito mais delicado invólucro epitelial, epicarpo, parece que é o termo. É certo que a nossa vinha rasteira não produz bagos de tais dimensões, mas a dimensão não é a única qualidade a considerar, mesmo nas pedras preciosas a que os escritores comparam estes frutos: os topázios, os berilos, os crisópratos, os ametistas e espinelas acodem logo, naturalmente, aos bicos das penas, quando se reportam à beleza das uvas.

Por amor das tais uvas de mesa, rijas, facilmente empacotáveis e transportáveis, muita terra se tem convertido em vinhas, vinhas que afinal se cultivam para estrangeiro saborear, ficando o país das uvas quase privado delas pelo preço exagerado que atingem, preço que não se coaduna com uma fruta própria da região.

Fica-nos o panorama das vinhas... e, se não contemplamos nos sabores os belos cachos lilazes e dourados, ou negros retintos, podemos olhar às vinhas de seus donos, que no Outono vestem de escarlate como os augustais ou se adornam com a púrpura imperial dos Flávios e dos Antoninos e a arrastam no chão, como os velhos doges arrastavam nas águas da laguna a fimbria do manto tingido pelo múrtice do Adriático ou pela grã da Península Ibérica, para melhor dizer, das abas das serras algarvias, ou da Bética Ulterior mais justa ainda.

O sumo da uva, feito vinho, assomou este ano na propaganda do vinho verde, já talvez não espremido ao compasso da música que acompanhava o esforço rude da logaragem e que tornava, o país das uvas, no mês de Setembro em que os bacelos e as figueiras se vão doirando, um mês de música e de sã alegria campesina.

Já se não usa o prazer de contemplar e partilhar a vida campestre. Prefere-se a praia, mais espectacular. Já muito amador da música de copo prefere a amargenta cerveja, mais cosmopolita, ao velho vinho português. E, quanto ao resto, se Fialho voltasse ao mundo, já não chamava a esta sua terra natal «O País das Uvas». Talvez chamasse, sim, o País dos Compadres ou lhe desse outra designação mais apropriada ao seu talento crítico e a qualquer faceta das actuais ocorrências...

L. M.

Pequenos Apontamentos

(Continuação da 1.ª página)

ga a salinidade do mar, são claras e propícias à criação de abundantes peixes de várias espécies.

Se a Câmara, e para isso teria de ser substancialmente auxiliada pelas entidades que superintendem no turismo, pois a sua situação financeira é precária e não dá ensanchas a grandes voos, fosse promovendo algumas iniciativas que a valorizassem e a tornassem conhecida, mais um centro turístico teríamos no Algarve.

Para já a abertura da fronteira, talvez mais simples agora em que à guarda-fiscal foi dado o encargo da fiscalização e para esse fim vai ter os seus quadros aumentados, faria com que as duas populações amigas voltassem a confraternizar.

O que se não deve continuar é com um turismo que só erge sumptuosos hotéis e casinos, largos campos de jogos e piscinas onde só pode tomar banho quem tenha a bolsa recheada.

Fica aqui acentuado que quando se tratar de um turismo que não escolha privilegiados, Alcoutim, a nossa vila pequenina, terá o seu lugar marcado.

◆ **REPRESSÃO**

Vai acentuar-se a repressão sobre os desmandos que se notam no preço dos géneros alimentícios e, valha a verdade, não só nestes. Ninguém dirá que não é uma medida imprescindível e oportuna. Detenhamo-nos sobre o preço das frutas. Como se compreende que estejam expostas nos cais ao ar livre, centenas de toneladas de bananas e este fruto alcance no mercado o preço que tem? E este ainda é um fruto que se importa. Vemos nos lugares de venda de fruta laranjas que se mostram como oriundas do Algarve ao preço de 26\$00 o quilo. Por quanto as terá vendido o produtor? Contou-nos há pouco um amigo que tendo comprado um quilo de uvas e como não houvesse levado recorrente onde as trazer, o vendedor lhe vendeu um pequeno saco plástico pelo custo de 1\$50. Qual foi a percentagem no lucro deste negócio? Há vontade de negociar em sacos de plástico. Que em breve possamos beneficiar desta repressão.

◆ **FÉRIAS**

É esta a nossa última semana de praia. Damos ainda algumas pinceladas do que mais nos chamou a atenção. Ao entrar pela primeira vez no nosso pavilhão vimos à porta um menino que pelo seu olhar estático e inquieto logo se nos denunciou como um anormal. E para não alargarmos esta nota dolorosa vamos até à esplanada onde vimos uma curva de 5 meninas em volta de uma senhora. Eram irmãs: a mais velha de 8 anos e a mais nova de 2. A senhora era a mãe. Como nos dissessem que eram de Póvoa do Lanhoso logo perguntámos qual era a *Maria da Fonte*, natural daquele concelho e apontámos para uma que já traquinava conosco. A senhora, sorridente, disse-nos que não era aquela e indicou-nos uma outra, naturalmente mais irrequieta. Era um gosto vê-las brincar em rancho, todas bonitas. Mais triste o quadro de outra mesa onde se sentavam um invisual já entrado em anos,

que lia num grosso volume preparado para a leitura destes diminuídos físicos e uma senhora também invisual, que fazia renda. Pouco depois retiraram-se ambos, não sabemos para que destino. Em uma outra mesa estava só uma senhora que também trabalhava em renda mais larga e complicada. Perorava para as senhoras que lhe eram vizinhas: «Meu marido é reformado do Ultramar, de onde viemos há 4 anos. Como a sua pensão é exigua e não dá para as nossas necessidades quotidianas, eu trabalho nisto para promover a sua venda e auxiliá-lo».

Onde está o aposentado se não está a miséria extrema está a aflitiva carência de recursos.

TRINDADE E UMA

TELESCÓPIO

(Continuação da 1.ª página)

a viatura solenemente negra... e para a minha janela! E lá estava o telescópio, que realmente parece, à primeira vista, um canhão ou peça anti-aérea! Ai, Mãe! Já está a ver o leitor! Com essas conversas vindas de Lisboa, de armas clandestinas e carros funerários... Pois correram logo boatos. E houve quem, movido por esse admirável espírito de vigilância, boa-vontade, abnegação, devoção e colaboração, ali ficasse, um à esquina, outro à frente, a observar, a vigilar. Claro que ficaram todos contentes — eu! ah, suspirei aliviado! — quando a Verdade se revelou e ficou provado que o carro funerário nada tinha a ver com a minha pessoa, directa ou indirectamente! O médico chegou (muito antes das horas de consulta) o carro partiu, o telescópio aqui ficou, apontado para as árvores da «Corredoura» (Rua Dom Marcelino Franco), a olhar para as folhas amarelecidas despreendendo-se dos frondosos ramos, caindo docemente, bailando no vento outonal, vindo poisar nos bancos podres, no pavimento, sobre a minha mesa de trabalho...

FOI nesse mesmo dia, terça-feira, que a população de Tavira foi convidada pelo MDP, pelo PCP e pelo PS, a participar num comício frente aos Paços do Concelho, às 17 horas. Dizia o panfleto pelos organizadores distribuído: «... em face do grave risco que o País acaba de correr em que as forças da reacção fascista fizeram perigar todo o processo de Democratização do País com o risco do regresso ao regime fascista subordinado ao poder dos monopólios, dos latifundiários e do imperialismo estrangeiro, situação que foi impedida pela intervenção decidida e enérgica do heróico M.F.A. em íntima conjugação com as Forças Democráticas e Populares... convoca-se a população de Tavira para uma manifestação de solidariedade e apoio ao M.F.A. e ao Governo Provisório a efectuar hoje...»

Lançaram-se foguetes, houve discursos, houve até um cavaleiro que falou com tanto entusiasmo, de pé, na base do monumento aos Mortos das Grandes Guerras, que *caiu uma queda*, mas levantou-se logo e denodadamente prosseguiu com o mesmo entusiasmo e força. Mas, de facto, apareceu pouca gente. Talvez uns 200 cidadãos, de todas as camadas e de todas as idades. Eu, por acaso, estava na esplanada do «Arcada», a tomar um carioca (fraco e a ferver). E, à minha volta, ao longo dessa magnífica esplanada, assim como lá dentro do café, muita gente, na sua maioria tavirenses, milicianos e dois ou três turistas estrangeiros, encantados com a alegria e foguetes.

Um senhor, que ia e vinha, entre o café e a Praça da República onde se realizava o comício, olhou para mim, indignado e disse: «Está a ver? De tantos milhares de tavirenses, só meia-dúzia apareceu nesta manifestação patriótica! E sabe porque? Porque esta cidade está cheia de fascistas!» Não, eu respondi. O senhor estava muito enganado, e se calhar nem de Tavira era. Expliquei. Os organizadores do comício tinham-se precipitado, levados por tamanho entusiasmo, e deviam ter feito a publicidade em todo o concelho na véspera. Assim, quase mesmo na hora H, não podia ser. Além disso, a hora, 5 da tarde, em dia de semana, não era propícia, porque quem trabalha está a essa

Professora de Inglês

Jovita Bona Sousa, nascida em Bombaim — Índia — tendo tido o inglês como língua oficial e havendo-se ainda habilitado com o 10.º ano de inglês de «Canossa High School», aceita alunos para explicações de inglês. Jovens ou adultos podem desde já tratar da sua inscrição na Quinta do Marco, Conceição de Tavira.

As aulas começarão no próximo dia 1 de Outubro na Rua Terreiro do Garção, n.º 23 — Tavira.

Accepta em «part-time» assuntos de correspondência em Português e Inglês.

O «POVO ALGARVIO» É UMA VOZ DE TAVIRA E DO ALGARVE

hora nas lojas, nos escritórios, nas fábricas, nos cafés, a lavar barcos e a remendar redes. Hora má. Se tivesse havido mais publicidade, se a população tivesse sido convidada para ali se reunir depois das 18 ou mesmo 19 horas, o cavaleiro acreditasse não haveria só «meia-dúzia» (aliás, mesmo assim, estavam lá cerca de 200 pessoas). A praça estaria cheia, o jardim público cheio, a Ponte Romana mal aguentaria as multidões.

Vá lá, o senhor (que não era tavirense, afinal) ficou mais calmo, até me estendeu a mão, voltando com redobrado entusiasmo aos seus vai-vens entre o café e o comício.

Mas é mesmo assim. E que os organizadores do comício, por cujo entusiasmo e lealdade ao Governo Provisório e aos seus partidos não posso deixar de ter uma grande admiração, não hão-de levar a mal estas observações que não passam de um apontamento para referência.

A FALAR da aptidão nacional para a vigilância, não sei se o leitor ouviu contar que ainda há poucas semanas um residente de Cacela viu, ao regressar a casa às tantas da «matina», um grupo de moços a escrever nos muros da aldeia. Se eram comunistas ou nazistas, ele não sabia nem queria saber. Comunicou a G.N.R. Logo que esta apareceu, fugiram os moços. Aparentemente eles não esqueceram a identidade do vigilante cacelense. Este, na noite seguinte, foi à caça. Quando voltou, seriam talvez umas 7 da manhã, achou estranho que as galinhas que ele tinha no seu pequenino quintal estivessem tão caladinhas. A essa hora elas estavam já a cacarejar, que a fome é negra. Além disso, o galo (era um só, valente, símbolo da poligamia, dedicado a umas 8 galinhas), o «Zequinha» como era chamado, já devia estar a arrastar a asa às galinhas; e o fanfarrão pontuava as suas conquistas com dois ou três gritos estridentes de vitória. Ora nessa manhã... nada! Aborrecido e preocupado, o homenzinho foi ver o que se passava. Pois claro!...

Galinho vazio. Isto é, de galinhas. O «Zequinha» ali estava, mas muito calado, cabisbaixo, a língua de fora, a crista pálida e fraquinha cobrindo-lhe o olho direito.

Pendurado ao pescoço majestoso e majestático, um cartão que dizia: «Desde as 4 horas que estou só!»

Autêntica vingança de chinês?!

VOU ver se consigo dar mais um toquezinho ao telescópio. Tem de ser. E logo irei dar uma voltinha, ver as águas cristalinas do Gilão, olhar para o gradaamento partido, e conversar com o Don Alfredo que me dirá logo: «A Vida continua...» E até sábado... se Deus quiser!

Don Carlos

Farmácias de Serviço de 5 a 11 de Outubro

HOJE — Farmá. MONTEPIO
DOMINGO — » ABOIM
SEGUNDA — » CENTRAL
TERÇA — » FRANCO
QUARTA — » SOUSA
QUINTA — » MONTEPIO
SEXTA — » ABOIM

ESCOLA DE HOTELARIA E TURISMO DO ALGARVE

EXCLUSIVAMENTE PARA PROFISSIONAIS

Cursos de Aperfeiçoamento em FARO e PORTIMÃO para todas as Secções

Cursos Independentes de Línguas (Diurnos e Nocturnos)

INSCRIÇÕES:

Em FARO: Rua do Letes, 32 - Tel. 22083/4
Em PORTIMÃO: Rua Júdice Fialho, 45 - Tel. 22896